



QUARTA FEIRA 31 DE OUTUBRO DE 1810.

*Doctrina . . . vim promoves insitam,
Rectique cultus pastera roborant.* HORAT.

Rio de Janeiro 31 de Outubro.

SÃO tão solidas as razões contidas em a Proclamação seguinte, e annunciadas com tanta dignidade e energia, que não podemos deixar de as publicar com preferencia a outras noticias, persuadidos que será muito do agrado dos nossos Leitores, e concorrerá para instrucção de alguns.

Lisboa 16 de Agosto.

Os Governadores do Reino de Portugal, e dos Algarves,

Portuguezes: — As Reaes Ordens do Principe Regente nosso Senhor, que augmentarão o número dos Membros do Governo destes Reinos, ajuntando-lhes, para os Negocios Militares, e de Fazenda, o Ministro de S. M. *Britannica* nesta Corte, he hum novo e illustre monumento do Paternal desvelo de S. A. R. pelo bem de seus fiéis Vassallos, o qual pede da nossa parte o mais profundo reconhecimento, e a mais activa cooperação com as determinações do Soberano.

Os Governadores do Reino, penetrados destes sentimentos, ratificarão o juramento de salvar a Patria, e a Patria será salva. Na calamitosa Historia da presente Guerra houve épochas desgraçadas, em que elles tremêrão pela sua segurança; mas a Providencia, que protegia a nossa justa causa, humilhou o orgulho dos barbaros; que nos julgavão já seus escravos; deparou-nos na generosa Nação *Britannica* hum Alliado Poderoso, que sem poupar genero algum de auxilios, se empenha em nos soccorrer; e no grande *George III.* hum Monarca, que por suas luzes, virtudes, e antigas relações com *Portugal* se acha possuido de iguaes sentimentos; e que rodeado de Ministros sabios sustenta com gloria a mais terrivel luta contra esse Flagello da humanidade, tendo mais que hum vez abatido o vôo de suas Aguias orgulhosas.

A *Grã-Bretanha* nos deo tropas, armas, munições, soccorros pecuniarios, e nos deo hum Chêfe illustre para commandar o Exército combinado. A victoria coroou de louros immortaes ao Grande *Lord Wellington* nos campos da *Roliça*, do *Vimeiro*, de *Talaveira*, e na memoravel passagem do *Douro*, que fará época nos Fastos Militares da *Peninsula*.

Trabalhava entretanto o Governo com incansavel energia em organizar o nosso Exército. Tempos de extraordinaria agitação, e antes delles a malignidade da tyrannia *Franceza*, que nos opprimio por mais de nove mezes, nos havião privado de qua-

si todos os meios de resistencia. O Povo, que com tanto zelo, e Patriotismo tinha restaurado o legitimo Governo do nosso amado Principe, estava ainda no desasocego, em que se conservão as ondas depois de passar a tempestade; o Exercito estava desorganizado, os Arsenaes desprovidos, o Erario exausto. Mas eramos ainda *Portuguezes*, e isto bastou.

Em pouco mais de hum anno vos apresenta o Governo o Exercito mais numeroso que nunca teve *Portugal*; hum Exercito bem organizado, disciplinado por Officiaes habilissimos, commandado por Generaes da primeira ordem, e comettido ao commando em chefe do illustre *Lord Wellington*, cujo nomê só nos assegura a victoria.

Dêmos graças ao Ceo, que tão visivelmente protegeo a nossa causa; dêmos tambem graças ao nosso Augusto Soberano e verdadeiro Pai, cuja incomparavel prudencia, estreitando cada vez mais os laços que nós unem á *Grã-Bretanha*, nos tem procurado os mais opportunos, e efficazes auxilios desta prodigiosa Nação, a quem o Omnipotente destinou para abater o Monstro, que em seus tenebrosos conselhos havia jurado sujeitar o Universo ao jugo de ferro, que lhe preparava.

O Governo, cheio de satisfação por ver o desejado fructo de seus trabalhos, agradece a toda a Nação, em nome de S. A. R., o entusiasmo e Patriotismo, com que tem concorrido para a salvação do Reino; a promptidão com que se tem prestado aos grandes e repetidos sacrificios assim pessoaes, como pecuniarios, que devião ser infalliveis consequências de huma guerra devastadora. Mas vós sabeis que se trata da nossa existencia como Nação independente, da conservação do Throno e do Altar, e da resistencia a hum Despota, que tem obrigado a sacrificios mil vezes mais dolorosos os Póvos, que se tem sujeitado á sua tyrannia.

Os vossos, generosos *Portuguezes*, não serão baldados; e virá hum dia (que o Ceo traga cedo!) em que na tranquilla posse das vossas Leis, do suave Governo do nosso amado Principe, e da independencia Nacional, recordareis com gloria os trabalhos passados, e gozareis dos fructos da vossa constancia, e amor da Patria. Assim o promettem os formidaveis meios de defesa, que oppõem huma barreira fortissima ás tentativas do inimigo; o pouco que elle se adiantou no espaço de tantos mezes, em que nos campos da *Castella* tem sido devorado pela febre, pela fome, e pela deserção; o valor heroico de ambas as Nações provado já nas acções, que tem havido nos Lugares da Fronteira, aonde chegarão a penetrar alguns *Corpos Francezes*; e finalmente a cooperação das forças de *Hespanha*, interessada como nós na destruição do inimigo commum, e animada do mais exaltado Patriotismo.

Mas para que huma causa principiada com tão prosperos agouros possa ter hum resultado igualmente feliz, não bastão Exercitos aguerridos, nem Fortalezas inexpugnaveis; he tambem necessario que no interior do Reino haja ordem e subordinação, e que todos cumprão exactamente suas respectivas obrigações.

As dos Governadores do Reino são, cuidar na salvação da Patria, vigiar na exacta observancia das Leis, fiscalizar o bom serviço de todos os Funcionarios publicos, fazer administrar justiça imparcial aos grandes e aos pequenos, solicitar o castigo dos máos, e fazer que a espada inexoravel da Lei caia infallivelmente sobre os delinquentes. A alta confiança, com que S. A. R. os honra, he hum novo motivo que os deve obrigar a dar o exemplo da mais fiel obediencia ás Leis e Ordens do mesmo Senhor: elles o darão.

O Governo exige reciprocamente da Nação huma confiança franca e inteira em todos os seus procedimentos, subordinação ás Authoridades, e exercicio tranquillo de suas occupações domesticas e civis. Se alguém se julgar aggravado, está sempre o Governo prompto para o escutar, para examinar os motivos da queixa, reparar o mal, e castigar os culpados.

O mesmo Governo considera tambem necessario na presente situação das cou-

sas acautelar-vos contra as pérfidas maquinações de nossos infames inimigos. Sabei, *Portuguezes*, que os *Franceses* tem feito mais Conquistas pela intriga, pelo suborno, e pela traição, do que pela espada. As suas armas mais validas no momento actual são, o terror, as promessas enganosas, e a desconfiança. Vós mesmos o tendes experimentado de todas as vezes, que esse bando de Salteadores tem enxovalhado o nosso Terreno; mas exemplos tão recentes de hum terror pánico mostrão, que as lições da experiencia não bastarão ainda para vos enganar.

O inimigo serve-se de agentes occultos para semear o terror, faz circular noticias falsas, ou exaggeradas entre o Povo; os homens fracos as propagão, e accrescentão, e o susto chega a ponto, que aquelles mesmos que tinham obrigação de discorrer melhor, os Homens publicos, os Magistrados, que devião prevenir o Povo contra semelhantes rumores, se allucinão, e se deixão arrastar pela torrente.

O outro meio he a falsa segurança. Esta illusão fez a desgraça de *Castellomendo*, Lugar proximo á raiã da *Beira*, aonde os *Franceses* fizeram huma corteia. Elles se servirão de *Portuguezes* traidores, para persuadirem ás Justicas, e habitantes, que se deixassem ficar em suas casas, sem embargo de haverem recebido Ordem para se retirarem, prometendo trata-los bem, e respeitar suas pessoas, e fazenda. O cumprimento desta promessa foi o saque do Lugar, a prizão dos Officiaes publicos, as violencias feitas ás mulheres, e todos os insultos, que costuma cometer huma tropa de *Vandalos* insolentes e desenfreados.

Finalmente a desconfiança destramente espalhada produz terriveis effeitos, e seria capaz de produzir hum transtorno geral, se se não atalhasse. Os Povos incitados secretamente pelas suggestões dos inimigos da Patria, querem ser Juizes das operações militares, de que nada sabem, nem devem saber; intromettem-se impropria e temerariamente nos Negocios da Guerra, e julgão-se em perigo ou em segurança, segundo o discurso que fórmão sobre tão errados principios.

Acautelai-vos, *Portuguezes*, de todos estes laços. O vosso Governo vos assegura, que nunca o Reino esteve em tão respeitavel estado de defesa como na occasião presente, ou se considere o numero, organização, e disciplina das forças, que tem em Campo, ou a pericia dos seus Chefes, ou o odio geral com que a Nação abomina a tyrannia *Franceza*.

Em huma linha de 100 legoas não he sempre possível evitar em hum ou outro ponto a invasão do inimigo. Mas se tiverem a temeridade de entrar, pagarão caro o seu atrevimento; o territorio *Portuguez* será a sua sepultura. Se huma fuga precipitada e vergonhosa pôde salvar o anno passado os restos do Exercito de *Soult* do rapido ataque das Legiões, commandadas pelo Heroe do *Vimeiro*, não he provavel que tenham igual fortuna os que se expozerem aos mesmos riscos, quando estamos mais preparados para os receber?

Assim castigarão sempre os *Portuguezes* a ousadia de seus inimigos, e os Campos de *Aljubarrota* são testemunhas do valor heroico, com que nossos Maiores antiquilarão hum poderoso Exercito, que se dava já por seguro da sua conquista. Elles pelejavão pela Patria, e pelo Throno, e vencerão; nós pelejamos pela Patria, e pelo Throno, e venceremos.

Se entretanto a sorte da Guerra pozer em risco alguma de nossas terras, os seus habitantes serão avisados com a brevidade possível para salvarem as suas pessoas, e propriedades. Elles deverão então pôr em prática as cautelas, e que o Marechal General *Lord Wellington* tem estabelecido, para este caso, em suas Proclamações, cujas sabias providencias salvarão as vidas e fazenda dos habitantes de algumas terras, onde os inimigos tem entrado, e obrigarão os mesmos inimigos a evacuem os lugares, onde nada achavão que comer, nem que roubar.

As noticias Officiaes dos Exercitos communicão-se ao Público na Gazeta de *Lisboa*, e só as que ali se escrevem tem este caracter; e se devem acreditar.

Mas se he da vossa utilidade e interesse não dar ouvidos a novidades absurdas, e desprezar as pérfidas suggestões dos que procurão espalhar entre vós o terror, as suspeitas, e a confiança nas promessas do inimigo, he tambem da mais sagrada obrigação para o Governo descobrir os malvados, que assim vos allucinão, e faze-los soffrer a pena que merecem seus delictos.

Sim, *Portuguezes*, huma Policia activa, exacta, e severa descobrirá os traidores, que com occultos golpes procurão a ruína da Patria; ella conhecerá os aucthores, e promulgadores dessas noticias venenosas; todo aquelle que as repetir, será obrigado a dizer de quem as houve, até que se ache a sua primeira origem. Os culpados serão punidos com todo o rigor das Leis, e o seu sangue será o preço da segurança dos bons, e da pública tranquillidade.

Portuguezes, a reciproca confiança entre a Nação e o Governo, a união íntima e sincera entre os Cidadãos de todas as classes, o amor do Principe, e da Patria, verdadeira amizade e gratidão para com a *Grã-Bertanha*, odio irreconciliavel á *tyrannia Franceza*, firmeza de conselho, e constancia inalteravel na execução: eis-aqui o que constitue a nossa força, e que nos fará triunfar das armas, e da perfidia do inimigo, com quem contendemos nesta sanguinosa luta.

O Omnipotente, que tantas vezes nos tem salvado dos mais imminentes perigos, protegerá a nossa causa, que he tambem sua; abençoará os esforços de hum Povo, que combate pela Religião, pelo Throno, e pela independencia Nacional; fará felizes as nossas armas, e nos concederá finalmente dias de paz, e de prosperidade, em que vejamos o nosso adorado Principe, e toda a Real Familia restituídos á sua Capital, rodeados do respeito, do amor, e da lealdade de seus fieis Vasallos, e fazendo a felicidade de seus vastos Dominos.

Palacio do Governo em 13 de Agosto de 1810.

Bispo Patriarcha Eleito.

Marquez Monteiro Mór.

Principal Souza.

Conde do Redondo.

Ricardo Raymundo Nogueira.

Por Decreto de 18 de Agosto de 1810, foi S. A. R. O Principe Regente nosso Senhor servido reformar no Posto de Coronel a *Bernardino Falcão de Gouvêa Vieira Machado*, Tenente Coronel effectivo do Regimento de Infantaria Miliciana da Capitania do *Espirito Santo*: — E por Decreto da mesma data, foi o Mesmo Real Senhor servido promover ao dito Posto de Tenente Coronel a seu filho, *Manoel Vieira Machado*, Capitão da 6.^a Companhia do mesmo Regimento.

A V I S O S.

Vende-se huma Fazenda de crear animaes cavallares, sita na Villa das *Lages* em a Capitania de *S. Paulo*: ella consta de 3 legoas de Campos em quadro, e Mattos para Rossas, povoada com cousa de 100 egoas e seus pastores. Quem a quizer comprar, falle com o Tenente *João Ribeiro Silva*, morador na rua do *Valongo*, n. 11.

Quem quizer comprar huma Carruagem de 4 rodas com seu uso falle a *Francisco José Rodrigues*, filho, morador na rua da *Quitanda*, n. 43.

Quem quizer comprar huma baixella de prata poderá vê-la em casa *João Steys* morador na rua dos *Ouvides* na escada passando o n. 57, e lá se lhe dirá com quem se ha de ajustar.

RIO DE JANEIRO NA IMPRESSÃO REGIA.